
O sujeito intervalar na comunicação¹

José Isaías VENERA²
Universidade da Região de Joinville, Joinville, SC

RESUMO

O que se pode extrair da relação do sujeito com a tela escura dos dispositivos de conexão? A noção de sujeito intervalar na comunicação insere-se nas teorias do acontecimento comunicacional. O objetivo é de desenvolver a noção de sujeito intervalar a partir do corte dos fluxos de conteúdos ao acionar a tela escura dos dispositivos móveis. O acontecimento comunicacional ocorre na interação do *eu* com o *outro* (Marcondes Filho, 2011, p.171). Há, nesse processo, um outro tempo, o de voltar para si mesmo. A interrupção do fluxo de conteúdos, sobretudo nas redes sociais da internet, e, em alguns casos, diante da imagem especular que se forma na tela escura, indicia o retorno ao sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: sujeito intervalar; acontecimento; comunicação.

O sujeito na comunicação

Esta reflexão parte da observação de um movimento comum a todos usuários de dispositivos móveis: o de acionar a tela escura. Mas qual a relação com o campo teórico da comunicação? Haveria algum signo comunicacional diante do corte de fluxos de conteúdos? Ciro Marcondes Filho fez um percurso para construir uma teoria do acontecimento comunicacional seguindo as pistas, sobretudo, de filósofos naquilo que eles poderiam contribuir para a noção de acontecimento comunicacional. Para Marcondes Filho (2011, p.171), o acontecimento comunicacional ocorre na interação do *eu* com o *outro* resultando em transformação, em algo novo. Esse *outro* tem várias consequências, seja na teoria de Emmanuel Lévinas, para trazer um autor recorrente nos escritos de Marcondes, ou em Jacques Lacan, psicanalista francês.

Iniciamos com o modo como Ciro compreende a noção de sentido que se pode atribuir a um signo: “Os signos, em Foucault, são vazios e seu sentido é preenchido pelo acontecimento” (Marcondes Filho, 2011, p. 88). Entre o signo e o acontecimento, articula-se o sujeito. Essa articulação se desenvolve em uma atualidade marcando rupturas, singularidades e descontinuidades históricas. Se interrogar sobre a atualidade é também a forma como Foucault opera a própria noção de acontecimento. Para Cardoso (1995, p.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Mestrado Profissional em Comunicação e Mediações Contemporâneas da Univali, email: j.i.venera@gmail.com.

54): “interrogar a atualidade é questioná-la como acontecimento na forma de uma problematização”. É nesse sentido que se busca compreender a relação dos usuários de dispositivos móveis de conexão com a tela escura, se interrogando sobre nossa atualidade.

O sujeito, para Foucault, é produzido nas relações de saber e poder e a partir das práticas discursivas, dando existência aos processos de subjetivação – ou seja, aos modos de constituição de si a partir das relações, sejam elas com os campos disciplinares (as áreas de conhecimento) ou os dispositivos de poder (como as escolas, os quartéis, as instituições etc.). Poderíamos a partir das relações com os dispositivos móveis, descrever uma experiência que favorece o sujeito a se voltar para si mesmo, em um contrafluxo do movimento incessante de conteúdos?

Para chegar à descrição e ao argumento central, de elaborar a noção de sujeito intervalar na comunicação, desenvolve-se um percurso a partir de uma leitura feita por Foucault (1999) de uma pintura barroca.

O sujeito intervalar na tela escura

Foucault (1999) observou um duplo movimento da representação – ou o que ele chamou de representação radical – na pintura *Las meninas*, de Diego Velásquez, de 1656, ao demarcar o surgimento de uma nova *episteme*. Foucault mostra que, entre o olhar do pintor representado na tela, no qual olha para fora do quadro, e o olhar do espectador, um sentido será liberado — sentido que funciona num campo virtual de significação e demarca o surgimento de uma nova *episteme*.

A representação do espelho, na pintura de Velásquez, que constitui a princípio um enigma, aponta para o soberano. O espectador encontra-se, assim, na posição do rei e da rainha no sistema de representação criado por Velásquez. Na cena atual, a que se busca desenvolver neste texto, o espelho que forma a tela escura dos dispositivos móveis (smartphones, iphones, tabletes etc.) coloca o observador no lugar dos fluxos de conteúdos – o reino das visibilidades. Quando a tela escura é acionada, não se vê somente a ausência de imagens; vira e mexe ela funciona com espelho que reflete sutilmente a imagem do próprio observador. Assim, quando a luz cede espaço para a tela escura, o sujeito diante do dispositivo tem sua imagem refletida.

Se há uma dança de sentidos no fluxo rizomático de signos – seja numa sequência de posts de uma rede social agenciada pelos algoritmos, ou porque o internauta se desloca de uma mídia para outra — há um corte ou ruptura nesse movimento ao acionar a tela

escura abrindo espaço a um outro registro subjetivo. Esse intervalo de uma sequência de imagens, marcando uma pausa, mesmo que passageira, quando o sujeito aciona a opção de voltar à tela escura, repetidamente ele pode se deparar com sua imagem translúcida na tela.

Ter-se-ia aí a caricatura de um sujeito intervalar cuja imagem é um efeito que se projeta na tela escura nos instantes de pausa. O sujeito intervalar é um sujeito da pausa, dos cortes, da ausência de imagens. Quando, na pausa, uma imagem insiste em aparecer como um estranho familiar, converge nesta cena para a imagem de um sujeito intervalar.

O sujeito estaria assim subordinado ao tempo da pausa e à imagem espectral na tela escura. Mais do que nunca, o sujeito contemporâneo é intervalar, constituindo-se a partir das condições materiais da atualidade dispostas pelos dispositivos e aplicativos que o lançam, sempre, para outra cena no qual ele próprio é separado do que consome. Nesse consumo incessante, há um movimento estruturante, a sequência de imagens e o intervalo que se sucede na tela escura. Trata-se do sujeito do rastro de imagens que insiste em se repetir na busca frenética por novas cenas, deparando com um espectro de sua própria cena no intervalo, quando aciona a tela escura, como se ele mesmo se percebesse nesse traço quase apagado no reflexo escuro de seu aparelho.

A identidade do sujeito intervalar é o simulacro, imagem sem modelo transcendental, apenas traços de um estranho que insiste em retornar na tela escura. Antes mesmo dele entrar em uma cadeia significativa para construir uma narrativa, a tela se apaga, interrompe a sucessão de imagens, assim como os likes e comentários para, silenciosamente, o sujeito intervalar aparecer como um reflexo que nunca se apreende por completo.

E a comunicação?

Para construir um percurso do acontecimento, Marcondes Filho (2018, p. 16) aponta para um momento da *não comunicação*, na qual ele chama de *momento da incubação* (em que o “eu” não está em relação com o *outro*), que é “o espaço de tempo de seu desaparecimento, o momento do silêncio, do calar das vozes, do escuro das telas, do branco das paredes, da cortina do teatro, da última capa do livro fechada”. Nessa direção, o sujeito intervalar não se resume ao sentido que se atribui aos conteúdos digitais e de um sentido (ou significado) sobrepondo ao outro em um movimento frenético (como a passagem de um post para outro), mas, bem diferente, quando o próprio movimento é

interrompido, nos raros momentos em que o sujeito é levado a pensar em si mesmo e às vezes demandado por sua imagem especular na tela-espelho.

A comunicação, nesse modo específico de entendê-la, precisa de um tempo para acontecer, porque não se concentra nos signos ou nas mídias, mas no próprio sujeito-acontecimento. Assim, não poderia haver uma comunicação entre máquinas, ou entre aplicativos e sujeitos. Mas uma questão se levanta: poderia haver uma comunicação sem a relação direta com o outro, determinada pelo funcionamento de aplicativos, pelo desenvolvimento de aprendizagem de máquinas? Esse é o ponto que merece ser desenvolvido calmamente em outro momento a partir de um conceito elaborado há pelo menos seis décadas, o grande Outro, do psicanalista Jacques Lacan (1985).

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, I. de A. R. Foucault e a noção de acontecimento. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 53-66, outubro de 1995
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins fontes, 2002.
- MARCONDES FILHO, C. **Comunicação ou mediologia?** A função de um campo científico da comunicação. São Paulo: Ed.USP, 2007.
- LACAN, J. Introdução do grande outro. *In: O seminário livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.